

A ÚLTIMA OBRA DE PASCALE CASANOVA: UMA TEORIA INOVADORA DA LITERATURA E DA TRADUÇÃO

PASCALE CASANOVA'S LAST WORK: AN INNOVATIVE THEORY OF LITERATURE AND TRANSLATION



Marie-Hélène Catherine TORRES
Professora-titular aposentada
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1477390958277483>
<https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>
marie.helene.torres@gmail.com

Resumo: O presente artigo diz respeito à última obra em vida da socióloga e crítica literária Pascale Casanova (1959–2018), *La langue mondiale: Traduction et domination*, que foi publicado em 2015 na França e que traduzi em 2021 sob o título de *A Língua mundial: Tradução e dominação*. Pretendo, portanto, discutir aqui as reflexões teóricas de Pascale Casanova a partir da minha tradução da obra *A língua mundial: tradução e dominação*, iniciando com a relevância e importância de traduzir Pascale Casanova, reflexões que se apoiam não somente no próprio texto, mas também no paratexto e discurso de acompanhamento. Evidenciarei em seguida o pensamento original de Pascale Casanova a partir dos principais conceitos discutidos na obra, como o bilinguismo e o posicionamento ateu. Finalmente, destacarei o impacto da tradução em português de *A língua mundial: tradução e dominação*.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Tradução de teoria. Pascale Casanova. A língua mundial. Bilinguismo.

Abstract: This article concerns the last work during the lifetime of sociologist and literary critic Pascale Casanova (1959–2018), *La langue mondiale: Traduction et domination*, which was published in 2015 in France and which I translated in 2021 under the title *A Língua Mundial: Tradução e Dominação* [The World Language: Translation and Domination]. Therefore, I intend to discuss here the theoretical reflections of Pascale Casanova based on my translation of the work *A língua mundial: tradução e dominação*, beginning with the relevance and importance of translating Pascale Casanova, reflections that are supported not only by the text itself but also by the paratext and accompanying discourse. I will then highlight Pascale Casanova's original thinking through the main concepts discussed in the work, such as bilingualism and the atheistic stance. Finally, I will emphasize the impact of this Brazilian translation.

Keywords: Translation Studies. Translation of Theory. Pascale Casanova. The World Language. Bilingualism. Atheistic Stance.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons Atribuição* que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

O presente artigo diz respeito à última obra de Pascale Casanova antes do seu falecimento, *La langue mondiale: Traduction et domination*, publicada em 2015 na França e que traduzi em 2021 sob o título *A Língua mundial: Tradução e dominação*.

Pascale Casanova (1959–2018)ⁱ foi uma acadêmica francesa, crítica literária, socióloga e ensaísta, principalmente conhecida por seus trabalhos sobre a sociologia da literatura e a análise dos campos literários. Era pesquisadora do *Centre Européen de Sociologie et de Science Politique* [Centro Europeu de Sociologia e Ciência Política] em Paris, centro que está sob a cotutela da Universidade de Paris I, da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* e do CNRS. Pascale Casanova desenvolveu um pensamento original que renovou os estudos literários a nível mundial. Sua obra mais conhecida, *La république mondiale des lettres* (*A República Mundial das Letras*), publicada na França em 1999 e traduzida em português no Brasil em 2002 por Marina Appenzeller, marcou uma virada na maneira de conceber a literatura em nível internacional, assim como posteriormente sua obra *A Língua Mundial: Tradução e Dominação*. Foi, portanto, por meio de uma abordagem inspirada nos trabalhos de Pierre Bourdieu que Casanova explorou as dinâmicas de poder, dominação e resistência que estruturam o mundo literário.

Além de suas contribuições acadêmicas, ela também desempenhou um papel significativo no cenário midiático francês graças à sua carreira na rádio. Com efeito, sua voz ecoou por muito tempo nas ondas de *France Culture*, de 1981 – ano em que integrou o programa “*Panorama*” – até 2010, quando terminou, após treze temporadas, seu programa “*l’Atelier Littéraire*” [O Ateliê Literário], que reunia as tendências da literatura contemporânea. Casanova participou, em particular, do programa “*La Fabrique de l’histoire*” [A Fábrica da História], apresentado por Emmanuel Laurentin. Esse programa, dedicado à história e seus desafios contemporâneos, permitiu-lhe abordar temas relacionados à literatura, à política cultural e às relações de poder e dominação no mundo intelectual. Casanova encontrou ali um espaço para compartilhar suas reflexões sobre a literatura como um campo de lutas e resistência. Em uma entrevista concedida à *France Culture* em 2012, ela explicou seu apego ao rádio como meio de difusão de ideias: “O rádio é uma maneira de tirar a literatura de sua torre de marfim e reconectá-la às realidades do mundo. Ele permite alcançar um público diversificado, que não se limita a especialistas ou acadêmicos.”ⁱⁱ

Essa declaração ilustra sua vontade de democratizar o acesso ao pensamento crítico e de mostrar que a literatura é uma questão não somente política, mas também social. Em seus programas, ela frequentemente destacou escritores e intelectuais que exemplificavam seus

temas prediletos, como a dominação cultural e as desigualdades entre as literaturas nacionais, o papel da tradução como uma questão política, a literatura como espaço de luta e resistência, ou ainda os escritores periféricos buscando seu lugar no mundo literário. Pretendo, portanto, discutir no presente artigo as reflexões teóricas de Pascale Casanova a partir da minha tradução da obra *A língua mundial: tradução e dominação*, publicada em 2021, iniciando com a relevância e importância de traduzir Pascale Casanova, reflexões que se apoiam não somente no próprio texto, mas também no paratexto e discurso de acompanhamento. Evidenciarei em seguida o pensamento original de Pascale Casanova a partir dos principais conceitos discutidos na obra, como o bilinguismo e o posicionamento ateu. Finalmente, destacarei o impacto da tradução em português de *A língua mundial: tradução e dominação*.

Relevância e Importância de Traduzir Pascale Casanova: Paratextos, Textos e Discurso de Acompanhamento

Ao ler o paratextoⁱⁱⁱ de *La langue mondiale: traduction et domination*, pode-se extrair informações preciosas sobre a ideologia subjacente à esta obra. Sublinho que o paratexto é representado pelos textos que cercam e prolongam um determinado texto para apresentá-lo e criticá-lo, segundo Gérard Genette na sua obra *Seuils*, traduzida em português por Álvaro Faleiros em 2009.

Examinando, por exemplo, a coleção *Liber*, na qual se insere a obra de Casanova, criada por Pierre Bourdieu em 1997 e hoje dirigida pelo seu filho Jérôme Bourdieu e pelo pesquisador Johan Heilbron, percebe-se que esta oferece análises rigorosas baseadas nos fundamentos atuais das Ciências Sociais. A própria Pascale Casanova foi orientanda de Pierre Bourdieu e ficou conhecida com a publicação de sua tese de doutorado, *La République Mondiale des Lettres* (1999), traduzida no Brasil por Marina Appenzeller sob o título *A República Mundial das Letras* em 2002. Já mostrava na época que o universo literário mundial se organizava em estruturas desiguais conforme as relações de rivalidade e dominação de cada sistema. Nessa última obra dela, *La Langue mondiale (A língua mundial)*, dedica-se a um dos aspectos determinantes da dominação, a língua.

Portanto, a inserção na coleção *Liber* determina o lugar de onde parte Casanova. Há ainda na contracapa do livro em francês que integra o paratexto o *press release*, que segundo Genette é onde são reveladas algumas informações sobre a obra. Em outros termos, segundo Genette (2009, p. 97), trata-se de “um texto curto (geralmente de meia página ou até de uma página) que descreve, à maneira de resumo ou de qualquer outro meio, e de modo normalmente

elogioso, a obra a que se refere”.

A editora Seuil escolheu falar da dominação que exerceu o francês no mundo, bem como frisar a questão do bilinguismo e da diglossia (o uso, numa mesma comunidade, de dois idiomas com funções comunicativas complementares) por serem indicadores importantes para o estatuto da tradução de obras. Ela anuncia também ao seu leitor que a obra anterior de Casanova, *A república mundial das Letras*, foi traduzida em uma dúzia de línguas, conferindo-lhe credibilidade e notoriedade na matéria.

A tradução em português foi publicada em 2021 pelas editoras universitárias da UnB e da UFSC. O paratexto da obra traduzida consiste em uma curta nota de tradutora onde situo a obra e pensamento de Pascale Casanova. Há ainda um texto de nove linhas no *press-release* do livro onde pode-se ler a respeito da edição que é inédita em português e que é a última obra de Pascale Casanova (2015). O leitor é instruído de que Casanova utiliza o exemplo do francês, mostrando as formas de dominação que essa língua exerceu. Acrescento por fim, nesta contracapa, que Casanova apresenta uma perspectiva inovadora para examinar os mecanismos de dominação linguística, como o bilinguismo, que surge como um dos indicadores mais evidentes de dependência linguística, enquanto a língua mundial se consolida como a língua do poder. Não há nota de tradutor (N.d.T.) nem informações sobre a tradutora. Há apenas três sentenças curtas sobre Casanova na orelha do livro. Os diversos tipos possíveis de paratexto poderiam enriquecer a leitura ao oferecer análises mais aprofundadas sobre autora, obra e reflexões teóricas originais.

Casanova analisa no livro o papel da tradução como instrumento contra a dominação linguística e como um modo de acumulação de capital simbólico. A obra inicia com o exemplo das traduções do latim para o francês nos séculos XVI e XVII e acaba com uma discussão sobre as implicações da crescente dominação que a autora chama de língua mundial, ou seja, a língua inglesa. Para tanto, Casanova divide seu livro em cinco partes, começando com “*Exordium*” e terminando com “*Exitius*”, o que corresponde às fases inicial e final pelas quais passa quem constrói um discurso, conforme a retórica clássica. São cinco capítulos correspondendo às cinco partes do discurso, ou seja, a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a ação. Casanova tece de fato uma correspondência entre essa retórica clássica e as cinco partes estruturantes do seu livro da seguinte forma:

- O capítulo 1, “*Le bilinguisme latin-français*” (O bilinguismo latim-francês), corresponde à Invenção na retórica;

- O capítulo 2, “*Quand le français devait être défendu*” (Quando o francês devia ser defendido), trata da Disposição;
- O capítulo 3, “*La traduction comme conquête*” (A tradução como conquista), corresponde à Elocução;
- O capítulo 4, “*Les Belles Infidèles*” (As Belas Infiéis), à Memória;
- O capítulo 5, “*Leopardi et le français*” (Leopardi e o francês), à Ação.

Na parte introdutiva, o “*Exordium*”, título do prelúdio, Casanova parte do fato de que as línguas são socialmente hierarquizadas conforme sua proximidade com o poder ou sua legitimidade, a língua mundial tendo o prestígio reconhecido pelas outras línguas mundiais, daí sua universalidade. Casanova determina ainda que a questão da tradução, correspondendo à metade do livro, tem, como veremos adiante, um papel central e fundamental. Finalmente, na parte conclusiva, o “*Exitus*”, sintetiza suas reflexões sobre os mecanismos de dominação linguística e o papel da tradução nesse processo.

A tese de Casanova concerne, na contemporaneidade, ao inglês, nova língua mundial, que domina após o francês do século XVIII. Valendo-se da sua formação de socióloga, ela mostra que o uso da língua mundial assegura certa autoridade aos que a falam. Além disso, Casanova dedica o último capítulo a Giacomo Leopardi, um dos fundadores da poesia italiana moderna, numa época – o início do século XIX – em que a língua francesa era ainda a língua dominante. O conflito que Leopardi, que serve aqui de *tertium comparationis*, empreende contra a língua dominante (francesa) e que lhe permitirá participar ativamente da formação da língua moderna italiana e da sua expansão na Itália, passa pela relação com o latim, já que as línguas italiana e francesa têm o latim como origem. Há longas citações do *Zibaldone* sobre a dominação e modernidade das línguas e sobre a falta de originalidade e de graça da língua francesa. Casanova mostra também a lucidez de Leopardi quanto à desigualdade linguística, uma vez que ele propôs (e demonstrou) a hipótese da descendência direta do italiano em relação ao latim para comprovar a independência e a modernidade da língua italiana. Casanova deduz, com êxito, que, de um lado, os empréstimos à língua dominante são numerosos por parte de uma língua dependente dela e que a tradução, nesse caso, é quase inexistente. Alerta que uma língua muito dependente pode desaparecer com o passar do tempo.

Traduzir Pascale Casanova em português do Brasil é, portanto, extremamente relevante do ponto de vista da crítica literária, da história literária e da tradução, o comprovem os diversos textos publicados sobre seu legado, em particular, um texto publicado *in memoriam* e em inglês

em uma revista acadêmica norte-americana e outro em francês em uma revista de grande circulação. São textos que compõem “os discursos de acompanhamento que ancoram a obra no horizonte da crítica literária e definem parâmetros que conduzirão à leitura e recepção do texto” (Torres, 2011, p. 12).

No primeiro texto, Gisèle Sapiro, historiadora e socióloga francesa, organizou com Delia Ungureanu, professora da universidade de Bucareste na Romênia, durante a Pandemia, em maio de 2020, um número especial do *Journal of World Literature* em homenagem à Pascale Casanova intitulado: “*Pascale Casanova's World of Letters and Its Legacies*” [O Mundo das Letras de Pascale Casanova e seu Legado].

Sapiro e Ungureanu se referem, na introdução desse número, ao legado da Pascale Casanova que já havia falecido dois anos antes. Conforme elas, “explorando questões como a autonomia literária e a força revolucionária das periferias, mas também as desigualdades entre línguas e culturas, seu trabalho teve uma profunda influência nos estudos literários e além” (Sapiro & Ungureanu, 2020, p. 159).^{iv}

6

Considerando Casanova como autora e pesquisadora “atípica”, Sapiro e Ungureanu reconhecem o valor fundamental dela para os estudos literários mundiais como “pesquisadora independente, Pascale Casanova continuou a produzir um conjunto de pesquisas altamente originais e inspiradoras de maneira genuinamente desinteressada e no isolamento que lhe foi imposto pela doença” (Sapiro, Ungureanu, 2020, p. 160).^v

Pascale Casanova influenciou a área da literatura, da sociologia da literatura e dos estudos da tradução. Porém, observaram Sapiro e Ungureanu, apesar do reconhecimento internacional da sua obra, Casanova nunca obteve uma posição acadêmica importante na França. Foi, em grande parte, porque os departamentos de estudos literários na França sempre resistem à sociologia da literatura e porque confronta os acadêmicos com os seus próprios preconceitos e crenças, num sistema que prefere a reprodução à inovação. Entre estas crenças, a mais forte e, portanto, a mais sensível é “a crença da autonomia literária que a obra de Casanova questionou, problematizou” (Sapiro e Ungureanu, 2020, p. 160).^{vi} Quanto ao outro texto, se trata de uma entrevista de Casanova (ela deu muitas entrevistas), reproduzida como uma espécie de auto resenha quando foi publicado na França o seu livro *La Langue Mondiale: Traduction et domination (A língua Mundial: Tradução e dominação)* para o jornal de esquerda “Le Nouvel Observateur”.^{vii}

Nessa entrevista do jornalista e crítico literário Jacques Drillon intitulada “*Pascale Casanova: La langue mondiale est aussi la langue du pouvoir*” [Pascale Casanova: A língua

mundial é também a língua do poder], Pascale Casanova afirma que se mede a dominação de uma língua pelo seu caráter obrigatório e que o inglês, que domina após o francês no século XVIII, é de longe a primeira língua a ser traduzida e ainda que os países–culturas de língua inglesa traduzem muito pouco. É o que ela já chamava de “intradução” na *República mundial das letras*.

Drillon destaca a questão central de Casanova sobre a nova língua mundial, o inglês, que está intrinsecamente ligada ao poder político e cultural, exercendo uma dominação hegemônica sobre as línguas consideradas periféricas. O texto explora como Casanova desvenda os mecanismos de dominação linguística, apreendendo a tradução tanto como uma ferramenta de submissão quanto de resistência a essas hierarquias. Drillon conclui ressaltando a importância do trabalho de Casanova para compreender as dinâmicas de poder no contexto globalizado, defendendo a necessidade de questionar as desigualdades linguísticas e valorizar a diversidade cultural.

O discurso de acompanhamento sobre Casanova e sobre a língua mundial comprova o reconhecido legado da autora e aponta para um pensamento moderno e contemporâneo profundo a respeito de conceitos revisitados.

7

Pensamento Original de Pascale Casanova: Principais Conceitos

Em “*Exordium*”, Casanova afirma, citando o professor e crítico Antônio Cândido, que a desigualdade das línguas pode inibir o reconhecimento dos escritores, como foi o caso dos escritores de língua portuguesa como Eça de Queiroz e, no Brasil, como Machado de Assis, quase desconhecido ou mal conhecido. Ela dialoga, neste sentido, com as teorias já presentes no seu livro *A República Mundial das Letras*.

Segundo Casanova, ainda em “*Exordium*” (2021, p. 13), o bilinguismo ou o multilinguismo coletivos levam à dominação pois, para possuir essa língua segunda, prestigiosa e legítima mundial e socialmente, as populações tornam-se dominadas linguisticamente e suas línguas-culturas correm o risco de desaparecer.

Casanova desenvolve vários conceitos centrais em *A língua mundial*, como as operações de tradução, o bilinguismo (o uso de dois idiomas por um mesmo tradutor) e a diglossia (o uso de dois idiomas correspondentes a duas funções diferentes: por exemplo, o idioma da religião, ciência, política, administração etc.). Ela questiona essa relação de poder e afirma que o poder só existe se os outros acreditam na sua força.

O capítulo de Casanova sobre o bilinguismo é fundamental nesse sentido. O

bilinguismo sempre caracteriza uma dependência linguística. O uso em alternância de duas línguas pelo mesmo locutor não permite, segundo Casanova, escapar da dominação linguística, mas reproduz as relações de força e os conflitos existentes entre as línguas, sempre competindo pelo poder.

A dominação aqui é simbólica, pois depende de uma crença coletiva. Pascale Casanova aborda o conceito de bilinguismo como um fenômeno ambivalente, marcado por relações de poder e dominação linguística. Ela explora como o bilinguismo, frequentemente visto como uma riqueza cultural, pode, na realidade, reforçar hierarquias entre línguas, privilegiando aquelas consideradas dominantes, como o inglês, em detrimento das línguas locais ou menos valorizadas. Para Casanova, o bilinguismo coletivo, especialmente em países onde uma língua dominante é usada ao lado de uma língua local, pode levar à subordinação linguística.

Essa dinâmica cria uma dependência simbólica, na qual os falantes são obrigados a adotar a língua dominante para acessar oportunidades sociais, econômicas e culturais, enfraquecendo assim a língua materna. Casanova destaca que o bilinguismo não permite escapar da dominação linguística, mas reproduz as relações de força entre as línguas. Ela observa que “o bilinguismo não permite sair da dominação linguística, mas reproduz as relações de força e os conflitos existentes entre as línguas, sempre em competição pelo poder” (2021, p. 5).

Essa competição gera um conflito identitário, no qual os falantes bilíngues podem sentir-se divididos entre sua língua materna e a língua dominante, o que pode levar à perda de identidade cultural.

Além disso, Casanova estabelece uma ligação entre o bilinguismo e a tradução, argumentando que culturas que traduzem muito reforçam sua independência linguística, enquanto aquelas que adotam massivamente uma língua dominante sem traduzir correm o risco de perder sua própria língua. A autora também alerta para o risco de desaparecimento das línguas dominadas em contextos de bilinguismo coletivo. Ela cita exemplos de países onde o uso intensivo do inglês ameaça a sobrevivência das línguas locais, observando que “os países que usam o inglês em todos os níveis da sociedade são países dominados! Os países que não usam o inglês, ou o usam muito pouco, são países-culturas dominantes” (2021, p. 6).

Diante desse cenário, Casanova propõe que a preservação da língua materna, mesmo em um contexto de bilinguismo, é uma forma de resistência à dominação linguística. Ela encoraja os falantes a valorizar e defender sua língua, argumentando que manter sua língua é uma forma de resistência e de dominação, ao contrário do que geralmente se acredita. De fato,

manter sua língua é percebido como uma manifestação da diversidade cultural e humana (2021, p. 9).

Ao contrário das concepções estabelecidas, Casanova propõe uma visão inovadora no capítulo “*Exordium*”, onde sustenta que o bilinguismo e o multilinguismo, ao invés de libertadores, são mecanismos de dominação. Esse argumento se alinha com sua obra *A República Mundial de Letras*, onde ela questiona a estrutura de poder linguístico, ressaltando que a força de uma língua dominante depende da crença coletiva em seu prestígio. Assim, a utilização da língua mundial confere autoridade aos seus falantes, mas isso não significa que sua supremacia seja incontestável.

Quando Casanova fala de posicionamento “ateu”, é em relação à hierarquização das línguas e à dominação da língua inglesa no mundo que continua no início do século XXI. Partindo da trans-historicidade do modelo das línguas mundiais, Casanova afirma que a desigualdade entre as línguas tem efeitos tão poderosos que a(s) língua(s) dominada(s) ou muito dominada(s) pode(m) impedir (ou pelo menos dificultar) o reconhecimento ou a consagração dos escritores que as praticam.

Ela defende a “descrença”, o “desacreditar”, ou seja, a adoção de um posicionamento ateu, o posicionamento de não acreditar mais no prestígio da língua mundial (inglês). Uma espécie de desobediência, não civil, mas linguística e, no fundo, política e ideológica. O papel da tradução seria o de medir o grau de dominação. Portanto, a presença da tradução numa cultura reduziria a dominação da língua mundial.

Ela deduz que, de um lado, os empréstimos à língua dominante são numerosos por parte de uma língua dependente dela e que a tradução, nesse caso, é quase inexistente. Por outro lado, uma língua independente traduz muito e reforça sua tradição e durabilidade no tempo. O Brasil, por exemplo, que traduz muito, tem, portanto, o comportamento de uma língua-cultura independente. Assim, e isto já foi desenvolvido na *República Mundial de Letras*, através da tradução, o escritor dominado vislumbra acessar ou se aproximar do centro para ser legitimado pelo próprio Centro (formado pela França, Inglaterra e Estados Unidos).

Quanto mais a tradução se faz presente, mais a dominação diminui. E, ao contrário, quanto menos importante é a tradução, maior é a dominação. A criação de novas palavras numa língua caracteriza, segundo Casanova, a independência, e aumenta o capital literário dessa língua-cultura. Isso equivaleria a dizer que manter a própria língua é uma forma de resistência à dominação, ao contrário do que geralmente se acredita.

O argumento segundo o qual as culturas onde as pessoas usam coletivamente duas ou

mais línguas são línguas-culturas dominadas, pois pensam que o simples fato de falar, fazer negócio, escrever, pensar na língua mundial, o inglês, as enriquecem de todas as formas, enquanto, ao contrário, são dominados, e sua(s) língua(s) estão prestes a desaparecer no tempo e no espaço.

O país-cultura que usa o inglês em todos os níveis da sociedade é um país dominado! O país-cultura que não usa o inglês, ou o usa muito pouco, é um país-cultura dominante. Estou pensando aqui no Brasil, entre outros, que não se deixou dominar em prol de certos argumentos de internacionalização.

O conceito de ateísmo linguístico desenvolvido por Pascale Casanova em *A Língua Mundial* convida a questionar as hierarquias linguísticas e a resistir à dominação simbólica das línguas prestigiadas. Ao rejeitar a crença no prestígio da língua mundial e valorizar a tradução e a produção literária em línguas dominadas, Casanova propõe um caminho para preservar a diversidade linguística e cultural.

Nessa perspectiva, a tradução desempenha um papel crucial, pois mede o grau de dominação: sociedades que traduzem amplamente tendem a reduzir sua dependência da língua dominante, enquanto aquelas que adotam inúmeros empréstimos linguísticos e traduzem pouco tornam-se mais vulneráveis. Neste sentido, ateísmo e bilinguismo são conceitos centrais e inovadores associados ao poder de uma língua-cultura por meio da tradução.

Impacto da Tradução de *A Língua Mundial*: Tradução e Dominação para os Estudos da Tradução.

A tradução desempenha um papel fundamental na dinâmica da dominação linguística, pois sua presença tende a reduzir essa dominação. Pascale Casanova afirma que a tradução é uma forma de resistência (ou de luta contra) à porosidade das línguas e à dominação linguística. A meu ver, a tradução se tornou um verdadeiro ato político. E para entender o funcionamento da língua mundial dominante, Casanova utiliza o exemplo do francês, por ter sido uma língua hegemônica no passado e por ser o seu próprio ponto de partida, utilizando outros conceitos para apoiar a sua reflexão sobre a função da tradução como ato de resistência e a função do tradutor como mediador cultural.

Tradução como Resistência

Casanova vê a tradução como uma ferramenta crucial para resistir à dominação linguística. Culturas que traduzem ativamente obras estrangeiras para sua língua materna

reforçam sua independência e preservam sua identidade. Por outro lado, a adoção indiscriminada de uma língua dominante sem tradução pode levar à erosão da língua local. Assim, a tradução ocupa um lugar estrutural no pensamento de Casanova, como abordado na segunda metade de seu livro *A língua mundial*. Nesse ponto, a autora oferece um panorama histórico da tradução de clássicos latinos e gregos na França, ressaltando sua relevância no acúmulo de capital literário. Desde Dolet, que no século XVI formulou as primeiras regras da tradução na França, a importação de textos clássicos teve um papel crucial na legitimação do capital literário francês. No século XVI, a tradução funcionava como um instrumento de apropriação e conquista, promovendo a acumulação desse capital. Os tradutores, frequentemente multilíngues, tentavam romper com as normas de seus espaços literários e introduzir obras da modernidade, conforme os padrões estabelecidos pelos centros culturais do “Meridiano de Greenwich”. Segundo Casanova, eles desempenharam um papel essencial no processo de unificação do campo literário global. A autora chega a propor um mapa mundial dos livros, baseado nas datas de tradução dos grandes textos “heréticos”, aqueles que fundaram a modernidade literária.

11

As “Belas Infiéis” e a Independência do Francês

Um aspecto central do estudo de Casanova é a análise das “Belas Infiéis”, traduções que, ao longo do século XVII, deixaram de ter o propósito de enriquecer a língua francesa para se tornarem um meio de equipará-la ao latim. Nessa época, a tradução passou a ser reconhecida como um gênero literário próprio. Diante da crescente demanda por traduções, as adaptações tornaram-se comuns, priorizando a legibilidade para um público-leitor que não dominava o latim. Na França e na Inglaterra, as traduções “livres” desse período muitas vezes se assemelhavam a adaptações, incluindo acréscimos, supressões e modificações, entre outros. Casanova argumenta que as “Belas Infiéis” simbolizavam a emancipação do francês em relação ao latim, representando um movimento de independência e libertação do domínio das línguas clássicas. O objetivo era, de fato, criar um estilo próprio para a literatura francesa.

O Tradutor como Mediador Cultural

Casanova ilustra essa questão com exemplos concretos como os comentários de Prévost sobre sua tradução de Clarissa Harlowe, os trabalhos de Mme. Dacier como tradutora de Homero e a disputa entre antigos e modernos representada por autores como Perrault. Ela ressalta que, no século XVIII, os tradutores passaram a ser reféns do gosto do público-leitor, o

que levou a uma perda de prestígio da atividade tradutória. Entre os séculos XVIII e início do XX, o francês tornou-se “o latim dos modernos”, a língua mundial da tradução, o que lhe conferiu um caráter infiel e etnocêntrico — conceito que será retomado por Antoine Berman.

O Imperialismo Linguístico e a Atual Hegemonia do Inglês

Nos capítulos “Exitus” ou “as Belas Infiéis reconhecidas”, Casanova demonstra que existe um imperialismo linguístico. No mundo contemporâneo, essa posição de língua dominante é ocupada pelo inglês, que substituiu o francês do século XVIII. Ela levanta o seguinte questionamento: o que pode ser feito, uma vez que uma língua mundial é necessária para a comunicação universal? Segundo estatísticas de 2008 da pesquisadora Gisèle Sapiro, baseadas no *Index Translationum* da UNESCO, o inglês não apenas domina o cenário global, mas também exerce grande influência na França. Sapiro conclui que a forma como um texto é traduzido depende do status da língua de origem e da língua de chegada. Ela se apoia nas ideias de Lawrence Venuti, particularmente no conceito da invisibilidade do tradutor e na fluidez dos textos traduzidos para o inglês nos Estados Unidos, onde a tradução tende a ser domesticadora e invisível.

12

O Brasil e a Resistência Linguística

Finalmente, neste contexto, o Brasil surge como um caso de independência. Apesar das pressões da globalização e da internacionalização, o país não se deixou dominar pelo inglês. Para Casanova, esse é um exemplo convincente de uma nação que mantém sua soberania linguística, preservando seu idioma como um pilar fundamental de sua identidade cultural.

Considerações Finais

Os questionamentos provocados pelo texto *A língua mundial: tradução e dominação* de Pascale Casanova inserem-se em um amplo espectro de discussões e reflexões acadêmicas, abrangendo campos interdisciplinares que dialogam com as complexas dinâmicas de poder, cultura e linguagem.

Na literatura comparada, o texto oferece uma análise profunda das relações de poder entre línguas e o impacto da tradução na legitimação das literaturas no espaço internacional. Casanova explora como as hierarquias linguísticas influenciam o reconhecimento internacional de autores e obras, destacando, por exemplo, o caso de escritores de língua portuguesa, como Eça de Queiroz e Machado de Assis, cuja consagração foi limitada pela dominância de línguas

consideradas mais prestigiadas. A tradução, nesse contexto, surge como um mecanismo crucial para que literaturas periféricas alcancem o centro do sistema literário mundial, ao mesmo tempo em que revela as assimetrias que perpetuam a dominação simbólica.

No campo da sociolinguística e da linguística aplicada, a obra introduz o conceito de ateísmo linguístico, uma proposta provocativa que desafia a crença no prestígio inerente das línguas dominantes, como o inglês. Casanova questiona as dinâmicas de poder que subjagam línguas locais ou menos valorizadas, argumentando que o bilinguismo ou multilinguismo coletivo, frequentemente celebrado como uma riqueza cultural, pode, na realidade, reforçar a subordinação linguística. Esse debate abre caminho para reflexões sobre identidade, resistência e a preservação das línguas maternas em contextos de globalização.

As ciências políticas e os estudos culturais também encontram no texto um terreno fértil para discussões sobre a hegemonia linguística e suas implicações simbólicas e políticas. Casanova analisa como a dominação de uma língua, como o inglês, não se restringe ao âmbito comunicativo, mas se estende a esferas econômicas, sociais e culturais, moldando hierarquias globais. A adoção de uma língua dominante é vista como um ato de submissão simbólica, enquanto a resistência a essa dominação, por meio da valorização das línguas locais, é interpretada como um ato político e ideológico.

13

Por fim, nos estudos de tradução, a obra de Casanova assume um papel central ao explorar a função da tradução na circulação e dominação das línguas. Ela argumenta que a tradução não é apenas um meio de intercâmbio cultural, mas também um instrumento que mede o grau de dependência ou independência de uma língua-cultura. Sociedades que traduzem amplamente tendem a fortalecer sua autonomia linguística, enquanto aquelas que adotam empréstimos massivos e negligenciam a tradução correm o risco de ver suas línguas e culturas marginalizadas. A tradução, portanto, emerge como uma ferramenta de resistência e preservação da diversidade cultural.

A tradução é resistência. Não é apenas linguística, mas também política e ideológica. Isso significa que preservar e valorizar a própria língua não é um obstáculo ao progresso, mas sim uma forma de resistência à dominação linguística. Enquanto alguns países acreditam que o uso disseminado do inglês traz vantagens e oportunidades, Casanova argumenta que essa prática pode acelerar a perda de suas culturas e línguas nativas.

REFERÊNCIAS

- CASANOVA, P. (2002). *A república mundial das letras* (M. Appenzeller, Trad.). Estação Liberdade.
- CASANOVA, P., & Samoyault, T. (2005). Entretien sur La République mondiale des lettres. In C. Pradeau, & T. Samoyault (Dir.), *Où est la littérature mondiale?* (pp. 139–150). Presses Universitaires de Vincennes.
- CASANOVA, P. (2015). *La Langue mondiale : Traduction et domination*. Seuil.
- CASANOVA, P. (2021). *A língua mundial: tradução e dominação* (Marie Helene C. Torres, Trad.). EDUFSC/EDUnB.
- DRILLON, J. (2018). *Pascale Casanova : La langue mondiale est aussi la langue du pouvoir*. <https://www.nouvelobs.com/idees/20181001.OBS3200/pascale-casanova-la-langue-mondiale-est-aussi-la-langue-du-pouvoir.html>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- GENETTE, G. (2009). *Paratextos Editoriais* (A. Faleiros, Trad.). Ateliê Editorial.
- GENETTE, G. (2002). *Seuils*. Seuil.
- 14 SAPIRO, G, & Ungureanu, D. (2020). Pascale Casanova's World of Letters and Its Legacies. *Journal of World Literature*, 5, 159–168. https://brill.com/view/journals/jwl/5/2/article-p159_1.xml?language=en. Acesso em: 15 fev. 2025.
- TORRES, M. H. (2011). *Traduzir o Brasil literário* (M. Aseff, & E. Castelli, Trans.). Copiart.

ⁱ Parte do que segue foi publicado sob a forma de resenha por Marie Helene Torres e Aída Carla Rangel de Sousa na Revista Belas Infieis, 6(2), pp. 279–284, 2017.

ⁱⁱ Original francês: *La radio est un moyen de sortir la littérature de sa tour d'ivoire et de la reconnecter aux réalités du monde. Elle permet de toucher un public diversifié, qui ne se limite pas aux spécialistes ou aux universitaires. Ver site da Radio France.*

ⁱⁱⁱ Eis a minha tradução do press-release da edição francesa:

Entre os milhares de idiomas que existem ou já existiram, parece que sempre houve um que foi mais "prestigiado" do que os seus contemporâneos. O latim foi, nesse sentido, uma língua dominante até o século XVIII, o francês tornou-se uma por sua vez até o século XX, e o inglês adquiriu inquestionavelmente o status de língua mundial desde então. O exemplo antigo do bilinguismo latim/grego dos romanos cultos mostra que a língua dominante não é necessariamente a língua do país mais poderoso econômica ou militarmente (como a situação contemporânea tenderia a fazer crer), mas que a hierarquização linguística se baseia em processos específicos que este livro revela.

O bilinguismo, a diglossia (o uso por uma mesma comunidade de dois idiomas que cumprem funções comunicativas complementares) e, no campo literário internacional, as traduções de obras são indicadores preciosos desse fenômeno.

Através do caso exemplar do francês, de suas transformações, das formas de dominação que exerceu, da evolução do seu status, dos comentários que o seu papel e a sua posição suscitaram, Pascale Casanova propõe um quadro de análise inovador dos mecanismos da dominação linguística.

^{iv} Original em inglês: *Exploring the issues of literary autonomy and the revolutionary force of the periphery, but also the inequalities between languages and cultures, her work has been deeply influential in literary studies and beyond.*

^v Original em inglês: *An independent researcher, Pascale Casanova continued to produce a highly original and inspiring body of research in a genuinely disinterested manner and in the isolation that was forced on her by the disease.*

^{vi} Original em inglês: *the belief in the purity of literary autonomy that Casanova's work questioned, problematized.*

^{vii} <https://www.nouvelobs.com/idees/20181001.OBS3200/pascale-casanova-la-langue-mondiale-est-aussi-la-langue-du-pouvoir.html>, Acesso em: 08 jul. 2025.